

À espera da paz perdida

Criminalidade e imprudência no trânsito tiveram melhora nos índices de 2004, mas ainda preocupam

FABIOLA GÓIS

DA EQUIPE DO CORREIO

Cidade conhecida como exemplo de planejamento urbano, Brasília enfrenta problemas típicos das grandes capitais brasileiras em relação a mortes violentas — provocadas pela criminalidade e pelo trânsito. O ambiente bucólico das superquadras não garante mais um refúgio seguro para os moradores, e as largas avenidas representam um risco para motoristas e pedestres.

Segundo o consultor em Segurança Pública George Felipe Dantas, do Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre Segurança Pública e Defesa Social (Nusp) da Upis, o item mais preocupante é a ocorrência de furtos no DF.

Os dados oficiais mais recentes sobre violência no DF confirmam a análise de Felipe Dantas. De janeiro a março de 2005, a Secretaria de Segurança Pública registrou um aumento de 11% no número de homicídios em relação ao mesmo período de 2004. Houve uma redução de 12% na ocorrência de seqüestros relâmpagos, mas os furtos a comércio e de veículos aumentaram na comparação com o ano anterior. A Secretaria de Segurança Pública não quis se pronunciar ao *Correio* sobre o assunto.

Na estatística de violência, crimes violentos também assustam o brasiliense. Assassinatos bárbaros como os de Ana Lúcia, João Cláudio Leal e Maria Cláudia Del'Isola transmitem a idéia de que Brasília é uma cidade violenta. Nesses casos, a angústia só é apaziguada após uma ação efetiva da polícia na investigação dos crimes.

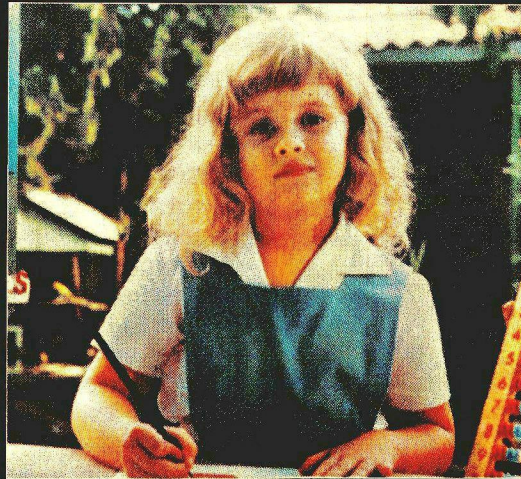
O sangue também está visível nas pistas do Distrito Federal, mas há sinais de melhora. Dados do Detran de 2004 mostram uma redução de 17% no número de mortes. A redução de atropelamentos fatais foi menor — 12%. O quadro ficou menos grave, mas ainda há muito a fazer. O Detran pretende intensificar as campanhas educativas em 2005 e contratar 148 agentes de trânsito para reforçar a fiscalização.

Na Promotoria de Defesa de Delitos do Trânsito do Ministério Público do DF, a gravidade dos casos obrigou os promotores a adotarem uma mudança de procedimento. Há processos nos quais os motoristas dirigiam com velocidade de até 170 km/h durante o dia. "O excesso de velocidade é preocupante. Temos pedido aos juízes a suspensão cautelar da habilitação enquanto o processo está em andamento", afirmou a promotora Aymara Maria Borges.

É o caso do analista Walber Carvalho, que teve a carteira suspensa em novembro de 2004 por provocar a morte da psicóloga Marcela Bianca, que hoje completaria 35 anos. Quase um ano após o acidente, o inquérito não foi concluído pela 10ª DP (Lago Sul). Laudo apontou que o autor dirigia a 115 km/h. Walber voltava de uma festa à fantasia, às 8h de um domingo, quando bateu no carro da jovem.

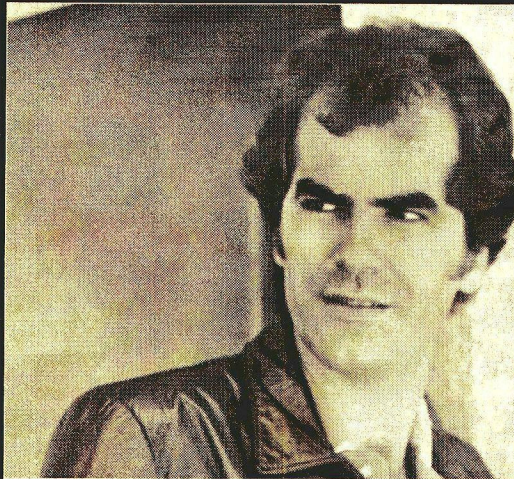
A aposentada Elza Perini Arruda, 85 anos, é avó de Marcela. E conhece a dor de perder um parente. Seis anos antes, o sogro morreu, pai da jovem, também de acidente de trânsito. Em novembro passado, a mãe de Marcela também morreu. A seqüência de mortes trágicas abalou a família. Elza, que mora em Brasília desde 1962, só pensa em justiça. Quanto ao sofrimento, ela resume de onde consegue forças para viver: "Eu acho que fui carregada por Deus. Só assim consegui ficar em pé", disse.

Fotos: Álbum de família



ANA LÚCIA: ASSASSINATO BRUTAL EM 1973

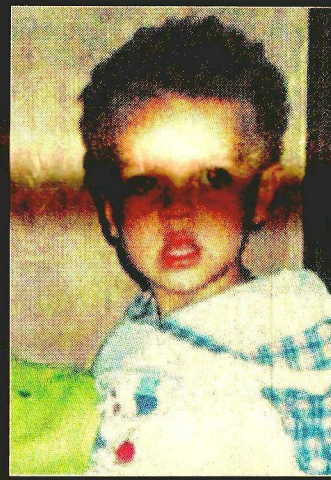
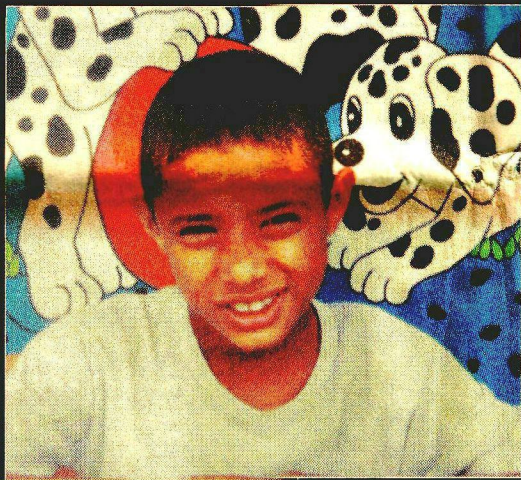
Arquivo/CB



MÁRIO EUGÊNIO: DE INVESTIGADOR A VÍTIMA



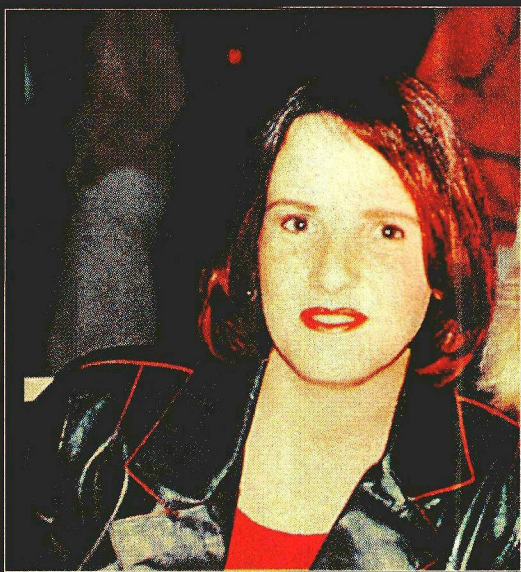
JOÃO CLÁUDIO: AGRESSÃO POR MOTIVO FÚTIL



LUCAS FIGUEIREDO, ADRIANA OLIVEIRA E THALISSON DIAS: CRIANÇAS VÍTIMAS DE BALA PERDIDA NO DISTRITO FEDERAL



MARQUINHO: VÍTIMA DAS GANGUES NO DF



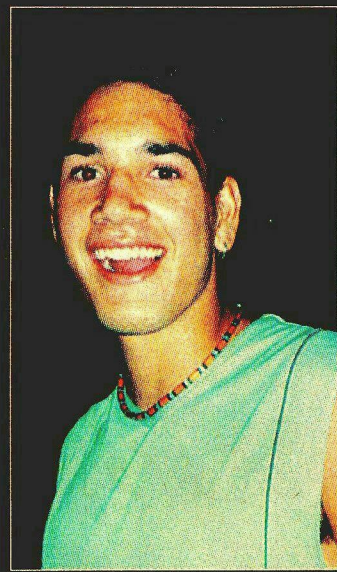
MARCELA BIANCA: MORTE NA PONTE COSTA E SILVA



CARLOS DANIEL ALVES: ASSASSINATO NO AEROPORTO



NARA SOARES: SEQÜESTRADA NA PORTA DE CASA



PEDRO NOLASCO: VIOLÊNCIA NO GUARÁ

Exemplo candango

Não existe uma estatística que aponte o número de voluntários em Brasília. O que é visível, sim, é o sentimento de amor que move as iniciativas solidárias. O projeto Terapia do Toque (Instituto Tocar) é um exemplo. Trata-se de uma ong com mil voluntários que divulgam a cultura do toque por meio de massagens, como shantala e polarização energética. O grupo atende 11 creches, asilos e hospitais do DF. A estimativa é que 11 mil pessoas em várias cidades sejam beneficiadas com o projeto.

Irene Costa, 54 anos, é uma das voluntárias. Auditora-fiscal aposentada, ela cuida de crianças de até seis anos na creche Tia Angelina, no Varjão. A maioria fica o dia inteiro longe do pai ou da mãe. Sente a distância e expressa a carência por meio do choro. "É uma forma de suprir essa falta de carinho, de ser útil. Me sinto muito bem fazendo isso", afirma.

Alfabetizar adultos é outra forma de ser solidário. O Centro de Voluntariado do DF, os Voluntários Candangos, tem o Programa

de Alfabetização de Jovens e Adultos. Segundo dados do IBGE, no Censo de 2000, o número jovens e adultos analfabetos no DF chegava a 100 mil. "O governo não vai conseguir sozinho ensiná-los a ler e escrever. Em Brasília, já temos 550 pessoas inscritas no programa. Devemos chegar a 800 até o final do ano", afirma a professora e advogada aposentada Telma Rosa, 49 anos. "Alfabetizar é uma paixão muito grande. É a única forma que eu tenho para tentar mudar o quadro social que vivemos no Brasil. É um trabalho de formiguinha", complementa.

A presidente da Voluntários Candangos, Olívia Volker, explica que os interessados devem acessar o site da instituição para es-

colher de que forma e onde querem atuar. "Os voluntários se tornam muito importantes na vida das pessoas. E se tornam pessoas mais felizes", destaca.

Nos hospitais, é grande o número de pessoas que trabalham como voluntários nas áreas de ensino, lazer e prestação de serviço. A Associação Brasileira de Apoio ao Paciente com Câncer (Abac-Luz) realiza, uma vez por mês, atendimento para melhorar a auto-estima dos internos no Hospital de Base do DF (HBDF). Uma equipe, formada por manicures, cabeleireiros e maquiadores, vai ao Centro de Radioterapia e Quimioterapia para cuidar do visual das pacientes. (Fabiola Góis)